

“PETIT A” uma pornografia transgressora

Kethlen Kohl

Possui graduação em História na Universidade da Região de Joinville UNIVILLE. Atualmente esta finalizando o curso de Pós-graduação especialização de História da Arte da Universidade da Região de Joinville.

Resumo: No presente trabalho me proponho analisar e problematizar a obra “Petit a” de Dora Longo Bahia, buscando encontrar possibilidades de transgressão na arte pornográfica. A obra é um vídeo pornográfico, que faz parte do projeto chamado *Districted.br*, uma coletiva de artistas brasileiros que discutem através de vídeos a aproximação do sexo, arte e cinema.

Palavra Chave: Dora Longo Bahia, Arte, Pornografia, *Districted.br*.

“PETIT A” a porn transgressive

Abstract: In this article i propose to analyze and discuss Dora Longo Bahia’s art, if the name is “Petit a”, trying to find possibilities for transgression pornographic art. The art is a pornographic video, which is part of the project called *Districted.br*, a collective of artists who discuss the approach through videos of sex, art and cinema.

Keywords: Dora Longo Bahia, Art, Pornography, *Districted.br*.

Reunir arte, sexo e cinema foi a brilhante ideia do Inglês Neville Wakefield criador do “*Districted*”. Este projeto tem o objetivo de aproximar arte e sexo através de curtas metragens. Para a primeira versão do projeto, Neville convidou artistas como Marina Abramovic, Gaspar Noé, Matthew Barney, Lerry Clark entre outros. Após o sucesso de “*Districted*” ele chega ao Brasil com o nome de “*Districted.br*” dando a oportunidade para que alguns artistas brasileiros pudessem criar seu curta pornográfico. Encontrar trabalhos que relacionam a arte e a pornografia nem sempre é uma tarefa fácil, pois este tipo de arte aparece pouco nas galerias e na maior parte esta relacionada ao erotismo e não a pornografia. Diante desta realidade, presente no sistema da arte, levanto algumas questões a serem problematizadas como: De que forma está sendo feita esta arte pornográfica? Como a sexualidade esta sendo explorada nestes vídeos? Partindo desta inquietação escolhi como objeto de estudo o vídeo “Petit a” de Dora Longo Bahia, um dos filmes de *Districted.br*, com a proposta de discutir tais questões com possibilidades de identificar transgressões na fusão entre arte e sexo.

“Petit a” e a Pornografia

“Petit a” é composta por duas partes que devem ser exibidas em uma mesma tela localizada no meio de um espaço na galeria. Podemos observar melhor a posição da tela no espaço da galeria na Figuras 1. Estas duas partes são intitulados de “*lephilosophie et l’étudiante*” e “*lês objets du désir*”.



Figura 1 – Dora Longo Bahia. Exposição na galeria Fortes Vilaça (2011) . Fonte: Bla Basis For Live Art. Arquivo FLAM 3.

“Petit a” é uma das obras que foi criada como consequência do incentivo de um projeto conhecido mundialmente. Sem este projeto acredito que nenhum destes trabalhos seria realizado, pois obras ligadas a pornografia ainda são escassas no campo da arte. Falar sobre sensualidade, sexo, carnalidade é uma tarefa difícil. O assunto ainda esta carregado de tabus, mesmo quando estamos falando sobre arte. Existem poucos trabalhos da arte e da história da arte que discutam a pornografia. O que é mais comum são os trabalhos relacionados ao corpo e erotismo. O corpo sempre foi explorado, admirado e exposto por pintores em toda a história da arte. Porém, a sua carnalidade e o sexo explícito parecem ter sido mascarados, escondidos ou interpretados com sutilidade na tentativa de higienizar algo que é visto como sujo.

Se o erotismo tem sido um tema/discussão mais ou menos recorrente na arte, o mesmo não acontece com a pornografia – tanto em abordagens históricas quanto filosóficas, sociológicas, psicológicas ou educacionais aplicadas à arte. A simples menção da palavra “pornografia” acarreta estranhamento e,

no campo das artes visuais, resume-se tudo ao termo “erotismo” (MEDEIROS, 2008).

Esta citação de Medeiros nos mostra a realidade do sistema da arte, pois se fala pouco da pornografia, o que é discutido e exposto é o erótico. Mais o que diferencia os dois? O que é erótico e o que é pornográfico? E a arte, como esta relacionada a estas duas categorias?

Entre essa divisão dual encontramos uma série de questões relacionadas a “juízos de gosto e de valor” (MEDEIROS, 2008). Desse modo, Medeiros escreve que as linhas entre o pornô e o erótico são líquidas, tênues e rarefeitas. Para deixar esta ideia mais clara vou usar um exemplo da própria obra. O começo do vídeo de Dora demonstra a relação de um homem e uma mulher, desejando um ao outro em um trem. Lugar onde nenhuma perversão acontece, nenhum tipo de sexo explícito, nenhuma penetração, apenas cenas de atração entre duas pessoas. Esta parte do vídeo seria categorizada por maior parte das pessoas como erótico. Porque o erotismo é abordado como “representação sugerida da sexualidade, amor sem carnalidade, metáfora, metafísica, transcendental, sublime.” (MEDEIROS, 2008, p. 467). O trecho só seria considerado pornografia se existisse a “representação explícita da sexualidade, exposição nua e crua, carnalidade sem amor, física, vulgar, grotesca.” (MEDEIROS, 2008, p. 467).

Esta ideia está embasada em uma questão de juízos de valores. Depende de cada individuo e de suas referências para interpretar as coisas como feias, grotescas ou vulgares. O juízo de valor também está ligado a um “despotismo” da história da arte canônica. Assim como várias disciplinas tendem a ter repulsa em usar o termo “pornografia” para expressões relacionadas ao desejo e carnalidade, o mesmo acontece na história da arte. Quando a pornografia esta relacionada à arte ela é caracterizada como “erótico”. Isto esta relacionado às discussões estéticas, já que o que é obra de arte é “bonito” então não é pornografia e sim erotismo. Tendo isso em vista, *Distriated*, é um dos raros projetos que procuram instigar a produção de arte pornográfica, assim como a discussão do mesmo.

Diante do desafio de abrir portas para outros estudos futuros da história da arte, tento ampliar as discussões sobre a pornografia. Para isso recorro a outras categorias, principalmente aos estudos de gênero e sexualidade, campo onde a pornografia é muito

bem investigada. Partindo desse ponto de vista sugiro uma análise de “*Petit a*”, considerando os estudos *pós-pornô*, a fim de ampliar as discussões a partir do estético.

O termo *pós-pornô* surge das ideias do “*Manifesto contra-sexual*” de Beatriz Preciado, texto que vem marcando as recentes reflexões sobre as políticas do corpo e sexualidade. A *contra-sexualidade*, antes de tudo, é “uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas vão sendo escritas nos corpos como verdades biológicas” (BUTLER *apud* PRECIADO, 2002: 18). Dessa maneira a *contra-sexualidade* pode substituir esse contrato dito natural, e possibilitar uma resignificação das relações sexuais. Nesse contrato os corpos não são classificados, eles reconhecem a si mesmos, como “corpos falantes”, corpos que interagem uns com outros.

A contra-sexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual” assim como suas práticas e identidades sexuais não são senão máquinas, produtos, instrumentos, aparatos, trucos, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, sobre camadas, camadas de circulação, fronteiras, restrições, desenhos, lógicas, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios. (PRECIADO, 2002, p.19 tradução minha)

A *pós-pornografia* aborda diferentes formas de ver o sexo e inclui os vários “objetos de desejo”. Ela não se limita apenas a uma forma de ver a sexualidade. “*Petit a*” é uma obra que abre margens para este tipo de análise, pois as relações sexuais deste vídeo vão além da pornografia comum. O termo que até então considero o mais adequado é: *pós-pornô*. Sendo que o termo pode justamente quebrar aquela dualidade entre o pornô e o erótico. O *pós-pornô* é uma forma mais inclusa e política de pornografia. Estas ideias também vão de encontro com o próprio conceito que intitula o vídeo: “*Petit a*” - conceito de Lacan. O conceito indica a complexidade e a preocupação de Dora em fazer uma pornografia que discuta as diversas possibilidades de se fazer um pornô e que inclui as minorias sexuais.

Referências de Dora

Assim como em “*Petit a*”, todos os trabalhos de Dora estão recheados de referências. Dora Longo Bahia é uma artista que começou a se destacar no final dos

anos oitenta. Em sua carreira trabalhou com cenografia, ilustração e performance. Ela mescla elementos de vídeo na fotografia, da fotografia na pintura, da pintura no vídeo, na música e vice-versa. Este diálogo que a artista faz de diferentes linguagens é uma forma de pensar na pluralidade da expressividade artística. As obras de Dora estão ligadas a outras obras, sejam estas da história, arte, literatura, música ou cinema.

Essas alusões vêm também do cotidiano, da cultura popular, manifestações culturais e marginais. Parece que Dora cria uma brincadeira em seu trabalho, é como se ela jogasse vários elementos em uma obra para que o espectador tente adivinhar qual a referência que ela está usando. Dora retira elementos das obras de outros artistas e os coloca em outros contextos. É nesta montagem e nas ironias que percebemos o viés político de Dora.

A violência é um conceito base nas obras de Dora, explorado desde seus primeiros trabalhos. A violência é retratada com um impacto visual muito grande. O vermelho sempre está em destaque, pois além de representar o sangue, a cor tem a menção da obra “*Who’s Afraid of Red, Yellow and Blue III*” de Barnett Newman. Dora faz menção ao atentado que esta obra sofreu em Amsterdã, no qual a superfície da tela foi esfaqueada, violentada (ALZUGARAY, 2012).

É a partir desta obra que Dora passa a usar a violência no seu ato artístico. Ela materializa a violência no uso ruidoso de sua pintura (ALZUGARAY, 2012). Então, além de usar o tema da violência, as obras também são violadas .

Os temas tratados pela artista transitam entre os contrastes do cotidiano, como é o caso de “Escalpo Carioca” onde a cidade maravilhosa é retratada sobre uma superfície e material pobre e descartável. Condiz com os contrastes de nossa sociedade.

As referências de “*Petit a*” são diversas, elas vão do cenário à música. A principal referência vem de David Lynch - a artista utiliza elementos dos filmes do diretor em diversos trabalhos. O principal deles são as cortinas vermelhas iguais aquelas usadas na maior parte dos filmes de Lynch, ela também foi usada na exposição “*Acorda Alice*” de Dora.

Na música da Banda “*Blá, blá, blá*” trilha do “*Petit a*”, vemos uma forte influência do músico Angelo Badalamenti, criador das musicas de alguns filmes de Lynch. A preocupação com a sonoridade também é algo típico no trabalho de Dora, sendo que sua trajetória artística é marcada pela música. Na obra “*Petit a*” também está claro o gosto pela obra de Baudelaire. No vídeo a poesia “*Une Charogne*” de Charles Baudelaire serve como legenda de toda a metragem. Nas questões plásticas e

cinematográficas, as influências vem de Lynch, Jean Luc Godard, Stanley Kubrick, Lars Von Trier, entre outros.

Dora escolhe fazer a sua pornografia assim, misturando diversos elementos. Utilizando de Lacan para aprofundar a discussão da sexualidade, da música e da poesia como pano de fundo de uma trama sexual. Essas referências mostram a cara da obra de Dora, sua ironia, suas problemáticas políticas e a sua sensibilidade de perceber as banalidades do cotidiano.

Os personagens e a transgressão.

A proposta deste trabalho é encontrar possibilidades de transgressão na pornografia de Dora. Mas como assim transgressão? Fazer um vídeo pornô não é uma forma de transgredir? Criar um vídeo pornô nem sempre é transgredir, pois a maior parte dos vídeos pornográficos, sejam eles feitos no campo da Arte, ou não, podem ser extremamente padronizados.

Apenas um ponto de vista é colocado na maior parte destes filmes e isso reflete na sociedade e na forma como as pessoas entendem a sexualidade. Ou seja, quando conversamos com as pessoas sobre sexo é apenas este modelo que é aceito. Isso está explícito nos filmes pornográficos comerciais e nos trabalhos que a arte também os reproduz. Pois, como diz Lorenzo Mammi “[...] a arte encontra espaços sempre mais precários e problemáticos no mundo contemporâneo; mas que, no entanto, ela continua sendo uma atividade essencial para o sistema de valores sobre os quais nossa cultura se baseia.” (MAMMI, 2012, p. 08)

Desse modo penso o trabalho “*Petit a*” como um pornô arte diferente. Primeiramente podemos falar sobre os personagens. Começo falando dos personagens. O primeiro personagem incomum é uma ninfa e todo seu erotismo, ela seduz com o seu hibridismo e com o sangue vaginal (Figura 2). A ninfa é algo relativo ao sexo feminino, porém não é uma mulher, mas possui um corpo de mulher. Ela é uma figura vinda da mitologia grega que pode simbolizar a fertilidade. Desse modo, a ninfa, assim como as mulheres, sangra pela sua vagina, porém sangra mais que o normal. O sangue vaginal é um grande tabu da sexualidade. Os filmes pornográficos não mostram a mulher sangrando, é como se ela sempre estivesse limpa. Dora aproveita para sujar todo o cenário com sangue vaginal, a ninfa se debruça sobre o sangue, espalha-o por todos os lugares.



Figura 2 – “Petit a”A Cozinha , Vagina e Sangue. (2011) . Fonte: Still do vídeo “Petit a” de Dora Longo Bahia (2011).

Usar o sangue é uma forma de transgredir a sexualidade comum e não apenas isso. As ninfas retratadas aos moldes das pinturas clássicas parecem sempre como divindades flutuantes belas e limpas, como no caso de Botticelli e outros. A ninfa de Dora está ligada ao sangue, carniça e a um ser dominante e nada frágil.

Dora coloca a ninfa como a ativa. Pois quem controla o falo não é o homem e sim ela própria. O personagem que segura o falo também é um ser híbrido (Figura 3), com aquele tapa-olho, luvas, roupa branca e botas. As roupas fazem parte do corpo dele assim como o falo cromado de metal. Ele fica ali parado enquanto a ninfa controla todo o seu corpo.



Figura 3 – “Petit a”A Cozinha. (2011) Fonte: Still do vídeo “Petit a” de Dora Longo Bahia (2011).

Os outros personagens também estão ligados à transgressão. Com a referência de Lynch, Dora aproveita e abusa dos personagens bizarros. A representação do Bar de Dora revela muitas figuras peculiares e clichês. Primeiro podemos pensar na menina com o corvo no ombro ela está em um bar onde existem muitas pessoas que parecem lidar com o diferente de uma forma muito natural. Então, esta mulher leva seu corvo para dar uma voltinha e tomar algumas bebidas, nesse bar onde pode se sentir a vontade. Lá ela encontra um menino que leva sua cobra dentro da camiseta. Depara-se com um casal de anões e também dois policiais gays que ficam aos beijos. Dora mistura o humor de uma forma irônica, utilizando clichês de filmes “pornôs exóticos” em um só vídeo. Dora junta todos esses personagens que fogem do padrão da sexualidade normativa e os coloca em um mesmo espaço. Um lugar onde as diversidades sexuais podem ser aceitas e tratadas com naturalidade.

A cantora e o homem no bar também utilizam outra forma de sexualidade, pois os dois fazem sexo através da música que está tocando e o indício disso é o gozo que sai da boca da mulher. Ela exerce sexualidade cantando, a música é o “*objeto de desejo*” dela e dos músicos assim como a do homem que esta se masturbando. Além de envolver todos os outros personagens que estão no bar. Estas ideias vão de encontro com a ideia da *contra sexualidade*, pois são corpos que se comunicam, de uma forma diferente, e não através de penetração, pênis e vagina.

Os lugares

Assim como os personagens, os lugares parecem ser lugares de transgressão. Se pensarmos quais os espaços que são permitidos para o sexo, quais seriam esses lugares? Todos? Ou apenas lugares próprios para isso? De acordo com a moral e os bons costumes de nossa sociedade não se pode fazer sexo em todos os lugares. Existem lugares próprios para o sexo. Estes espaços geralmente são o quarto, casas próprias para o sexo, o motel, lugares de prostituição, os becos etc. Estes lugares não estão à mostra, são ambientes escondidos, pois o sexo e a pornografia são coisas que devem ser escondidas aos olhos da sociedade.

Como o campo da arte da mesma forma que trabalha com as camadas marginais da sociedade e se baseia nos valores sociais, muitos artistas trabalham com a ideia conservadora do espaço sexual. Porém, isso não ocorre em todos os trabalhos. Percebo

em outros vídeos pornô-arte que os artistas costumam explorar outros ambientes como “*Hoist*” de Matthew Barney e “*Balkan Erotic Epic*” de Abramovic .

O primeiro lugar de “*Petit a*” é um Trem, este é um espaço que se move, que não é fixo. O trem é um não lugar, ele transita com velocidade sobre a cidade. Nesse ambiente relapso, cortado todo tempo pela paisagem, um homem e uma mulher passam a prestar atenção apenas um no outro. De todo modo, a velocidade e o fluxo do lugar correspondem ao que se passa na cabeça dos dois personagens, que só se tocam no pensamento. O trem é um espaço intimista que permite que duas pessoas façam um percurso longo com o corpo perto de outro corpo. Este intimismo ao mesmo tempo provoca o distanciamento sexual entre os corpos.

Este distanciamento sexual se dá porque dentro do trem também acontece um trânsito de pessoas. Você compartilha um espaço com alguém que nunca viu, e se o percurso do trem for curto, não resta tempo para se conhecer, muito menos para fazer sexo.

Então o espaço do trem pode ser algo subversivo? Penso que pode, pois ele é um não lugar, um espaço que transita, um lugar que possibilita o flerte, e até o sexo através do pensamento forçado pelo intimismo.

Agora vamos para a cozinha. Este é um lugar onde fazemos as refeições, onde compartilhamos com nossas famílias os momentos bons. “*Petit a*” é uma trama que subverte este espaço sagrado. O ambiente que está ligado a comida e ao preparo dela, passa a ser usado como cenário do sexo entre uma ninfa e seu “*objeto de desejo*”. A artista gosta de usar o espaço de uma forma bem humorada. No momento em que a cenas sexuais começam a esquentar e ficar mais excitantes, Dora corta a cena e mostra o fundo do cenário onde tem panelas fervendo.

O último espaço escolhido por Dora para completar o seu pornô é o bar. O bar não é um lugar sagrado e nem é um lugar freqüentado por conservadores. Os bares na maior parte das vezes são encarados como lugares do pecado. Porém, o tipo de bar que Dora cria vai além deste boteco comum de esquina ou boates comuns. Este espaço criado por Dora é uma mistura do bizarro com o sexo. O bar vive em uma penumbra, um lugar escuro onde as poucas luzes estão rodeadas de detalhes vermelhos (Figura 4). Os animais pendurados nas paredes parecem restos de carcaças, como sugere a poesia de Baudelaire.



Figura 4 – “Petit a” O bar, Decoração (2011) Fonte: Still do vídeo “Petit a” de Dora Longo Bahia (2011)

Desse modo o espaço do bar pode ser visto como um lugar escondido aos olhos da sociedade, um bar escuro com penumbra onde as próprias pessoas não se enxergam. Ao contrário dos outros espaços, este é o lugar do sexo, este é o lugar onde é permitido fazer sexo. Entretanto, o sexo neste espaço foge à normalidade, ao socialmente aceitável. É um ambiente que transgride pelos personagens que ocupam o lugar e não pelo lugar em si.

Os objetos

Por último falarei sobre os objetos da obra, “*objetos de desejo*”, coisas que substituem o “*objeto a*” (*Petit a*), ou que sirvam como uma forma de ligação sexual. Um dos objetos que é transgressor é o grande falo de metal. O falo está na mão de um homem híbrido que parece ser um guardião do objeto, mas não é ele quem o controla, e sim a ninfa. Este objeto faz parte do corpo deste homem híbrido, pois no final da trama este homem goza pelo olho. Então ele teve alguma ligação com a ninfa, alguma ligação sexual. Isso não está necessariamente ligado ao contato corporal. No entanto, eles estão conectados a algo, a um órgão “fictício”: este órgão que recodifica o sistema sexual entre a ninfa e ele é o falo de metal.

O falo de metal passa a ser o objeto de desejo da ninfa. O homem sente prazer através dele, como se aquilo estivesse acoplado ao seu corpo. E por isso goza sangue pelo olho, porque está se sentindo estimulado também. Como ele é um ser que não é humano, ele pode gozar sangue pelo olho e também pode sentir prazer com seu objeto

de metal. O vídeo pode ser uma ficção sexual, mas de qualquer forma ele discute a sexualidade do cotidiano contemporâneo.

A terceira parte traz os instrumentos musicais como propulsores sexuais (Figura5). A bateria e a guitarra produzem uma sonoridade que é o “*objeto de desejo*”. Os controladores deste objeto são os músicos e a cantora. A voz da cantora não é um objeto, sua voz é levada através dos instrumentos. A cantora goza pela boca, pois a sua voz está tendo uma ligação com a música e os instrumentos. A música se torna a grande ligação o grande suporte sexual de todas as pessoas que estão no bar. Acontece uma suruba sexual através da música.



Figura 5 – “*Petit a*” O bar, A banda. (2011) Fonte: Still do vídeo “*Petit a*” de Dora Longo Bahia (2011)

Estes dois últimos objetos são objetos de transgressão porque extrapolam os binarismos pênis/vagina, homem/mulher. Estes objetos rompem com o contrato natural do sexo, eles resignificam as relações sexuais, porque são outras formas de conexões. Como fala Beatriz Preciado, *os corpos falantes*, corpos que falam interagem uns com os outros. Dessa forma vejo este trabalho de Dora como transgressor, porque abre possibilidade para um novo tipo de arte pornográfica. Uma arte pornográfica que fala mesmo como é a realidade da sexualidade, do cotidiano.

Considerações finais

Dora Longo Bahia se caracteriza como uma artista completa, ela transita facilmente entre diversos tipos de linguagens artísticas. Os vários suportes que Dora apresenta suas obras foram essenciais para entender o conjunto de cenas de “*Petit a*”.

Pois as obras se interligam independente do material que são feitas. A transgressão não parte só de sua pornografia, mais ela surge no começo de sua carreira artística. Dora problematiza o que não é belo, o que é sujo, o que feio, o que é marginal, o que é rabiscado, o que é violento. O seu trabalho não é perfeito e nunca será, porque esse não é o objetivo da artista. Dora mistura a escória com a política e com humor. Seu vídeo pornô não seria diferente. Penso que a maior parte das obras da artista são transgressoras, pois trabalham com discussões políticas e estéticas da contemporaneidade.

Percebo ainda que existe uma série de transgressões nesse trabalho, elas vão dos lugares aos objetos e aos personagens. Todo o conjunto tem uma proposta subversiva, pois a artista mostra as diversas formas de sexualidade. Nem uma relação sexual do vídeo é comum, assim como os “*objetos de desejos*”. Percebo a sexualidade através da música, através de objetos que servem como substitutos de órgãos.

Com este estudo consigo concluir que “*Petit a*” é um modelo a ser seguido , quando pensamos em arte pornográfica, assim como outros poucos trabalhos que carregam esta perspectiva. A arte brasileira deve estar mais aberta a estas discussões, porém, antes de tudo, é preciso ter mais espaço para este tipo de trabalho. Existe pouca visibilidade na arte sobre questões relacionada a sexualidade. *Distriected.br* é um dos únicos projetos feitos que estimularam esse tipo de produção. No entanto, este projeto no Brasil teve pouca visibilidade. Desse modo, termino este texto com um novo problema e ele esta associado a todo o “*Distriected.br*”. Estes curtas não estão disponíveis para o publico, nem estão disponíveis nos sites dos artistas. Os trabalhos não estão disponíveis no site da galeria, nem mesmo em um dvd. “*Distriected.br*” vem do projeto “*Distriected*”, uma produção inglesa conhecida mundialmente. Os artistas desta produção tem os seus filmes disponíveis em vários lugares e o dvd do projeto é de fácil acesso. Pergunto: porque os trabalhos nacionais parecem estar indisponíveis ao público?

Esta é uma pergunta que procurarei a resposta em pesquisas futuras, pois pretendo dar continuidade aos estudo de “*Distriected.br*”. Acredito ser necessário os estudos desses temas para pensar em novas possibilidades de arte. Porque se estes temas não forem discutidos, as pornografias relacionadas a arte podem virar reprodução do que vemos em vídeos pornográficos comercial. A arte tem uma outra função em nossa sociedade, que não é apenas reproduzir os problemas sociais, e sim criticá-los, levar o espectador a pensar sobre algo. Penso no artista como um filosofo que pensa e intervém

nos espaços sociais, no modo de pensar humano. Desse modo, o artista deve se dedicar aos problemas relacionados a sexualidade, quebrar tabus que estão impregnados na sociedade e possibilitar as pessoas a pensar sobre isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALZUGARAY, Paula. **Quem tem medo do vermelho?** Select, São Paulo, edição 08, p.60-69, Out/Nov 2012.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do Mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

CARRILHO, Jesús. **Entrevista com Beatriz Preciado**. Barcelona, UNI, 2004.

COELHO, Salomé. **Por um feminismo queer: Beatriz Preciado e a pornografia como pré-texto**. Ex aequo, n 20, 2009. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0874-55602009000200004&script=sci_arttext> Acessado em : 04 jan.2013.

GUEDES, Denise de Fátima. **Uma Introdução ao conceito de objeto a**.Psicanálise e Barroco em revista, v.8, n.1:159 -174, jul. 2010.

MAMMI, Lorenzo. **O que resta da arte**. São Paulo: Cia das Letras , 2012.

MEDEIROS, Afonso. **Apontamentos sobre uma cartografia da história da arte pornô-erótica**. AMPAP, 19 encontro da associação nacional de pesquisadores de artes plásticas “Entre Territórios. Bahia 2010.

MCGUIRE, Kristi. **Object Petit a**. Disponível em <<http://csmt.uchicago.edu/glossary2004/objectpetita.htm>> Acessado em 08 de janeiro de 2014.

Bla Basis For Live Art. Arquivo FLAM 3, Dora Longo Bahia. Disponível em: <<http://www.basisforliveart.com/artist.php?id=80>> Acesso em: 05 jan. 2013.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contra-sexual**. Madrid: Opera prima, 2002.

Endereços Eletrônicos:

Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopediaIC/index.Cfm?fuseaction=sugestao&cd_verbete=1553> Acessado em: 01 de Janeiro de 2014.

Disponível em :<http://artelusao.zip.net/arch2006-06-01_2006-06-30.html> Acessado em: 01 de Janeiro de 2014.

Disponível em:<<http://uk.phaidon.com/agenda/art/picture-galleries/2010/march/22/documenting-the-performance-art-of-marina-abramovi-in-pictures/?idx=23>> Acessado em 27 de março 2014.

São Paulo. Galeria Fortes Vilaça. Exposições passadas. Districted.br. Disponível em:<<http://www.fortesvilaca.com.br/exposicoes/2011/141-destrectedbr>> Acesso em : 05 jan. 2013.

Galeria Luisa Estrina. Disponível em:<<http://www.galerialuisastrina.com.br/exhibitions/Dora-Longo-Bahia-2006.aspx>> Acessado em: 16 de março de 2014. Disponível em:<<http://www.pipaprize.com/pag/dora-longo-bahia/>> Acessado em: 16 de março de 2014.